
**TABATA
AMARAL**

**NOSSO
LUGAR**

O CAMINHO QUE ME LEVOU
À LUTA POR MAIS MULHERES
NA POLÍTICA

COMPANHIA DAS LETRAS

Bem no comecinho da minha campanha eleitoral, uma senhora me perguntou se eu tinha algum comprovante de que era candidata. Essa era a primeira vez que eu participava de uma eleição e, por isso, ainda estava tentando descobrir a melhor forma de abordar as pessoas na rua. Especialmente nos primeiros dias, eu entregava os panfletos bastante acanhada, quase pedindo desculpas, enquanto tentava resumir minha trajetória e minhas propostas nos poucos segundos que, com sorte, alguém parava para me ouvir. Não lembro onde eu estava nesse dia, provavelmente em um ponto de ônibus ou em uma avenida, mas nunca vou esquecer a cara que aquela senhora fez, deixando claro que achava muito improvável que eu fosse mesmo candidata.

Diante da pergunta inesperada e sem nenhum comprovante em mãos, respondi, desconcertada, que poderia não parecer, e que de fato era pouco comum, mas não estava escrito em lugar nenhum que pessoas como eu não podiam se candidatar. Ela simplesmente saiu andando, e eu nunca vou saber se acreditou em mim ou não. O fato é que passei a repetir, mais para mim mesma do que para os outros, todos os dias, a resposta que dei a ela.

Eu só vim a entender o porquê daquela pergunta algum tempo depois. Aquela senhora muito provavelmente nasceu em uma época em que todos, inclusive a lei, deixavam bem claro que política não era para as mulheres. Afinal de contas, faz pouco tempo que nós conquistamos o direito de votar e sermos eleitas. A escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-97) foi a grande pioneira na defesa do voto feminino. No entanto, o primeiro país democrático a reconhecer esse direito foi a Nova Zelândia, no ano de 1893, depois de uma intensa luta liderada pela feminista neozelandesa Kate Sheppard (1848-1934). Após uma longa

batalha, o sufrágio feminino também foi conquistado na Inglaterra, em 1918.

No Brasil, essa conquista começou em 1927, quando a lei estadual no 660 reconheceu o direito das mulheres de votar e serem eleitas no Rio Grande do Norte. Em 1929, na cidade potiguar de Lajes, Alzira Soriano (1897-1963) foi a primeira mulher a se eleger prefeita em toda a América Latina. Três anos depois, em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas (1882-1954), o voto feminino foi instituído em todo o país. No entanto, havia a condição de que, para votar, as mulheres casadas precisavam receber autorização do marido e as viúvas ou solteiras deviam ter renda própria. Em 1933, a paulista Carlota Pereira de Queirós (1892-1982) tomou posse como a primeira deputada federal do Brasil. Em 1934, as restrições ao pleno exercício do voto feminino foram eliminadas e, em 1946, o voto passou a ser obrigatório para todas as mulheres.

Desde então, as mulheres vêm, pouco a pouco, conquistando seu lugar na política. Um exemplo muito simbólico é que um banheiro feminino só foi construído no plenário da Câmara dos Deputados durante a Constituinte de 1988. Mais surpreendentemente ainda, o plenário do Senado recebeu o seu primeiro banheiro feminino apenas em 2016, 55 anos depois da construção do Congresso. Até então, as senadoras tinham de deixar o plenário para usar o toalete.

Por mais dura que tenha sido a luta por espaço até aqui, ainda temos um longo caminho pela frente. Apesar de muitos estudos já terem demonstrado que o país será melhor para todos quando retirarmos as barreiras ainda existentes e permitirmos que as mulheres participem da política em pé de igualdade, essa mudança ainda pode levar muito tempo. Ao compartilhar o caminho que me levou a me candidatar e ser eleita deputada federal aos 24 anos, espero contribuir para que muitas outras trajetórias possam se somar a essa luta. Só assim a minha geração poderá ver concretizado o sonho de que a política seja, de fato, um lugar para todos e todas.



**O DIREITO
DE SONHAR**





*image
not
available*

de ela chorar tanto, procurou-a para conversar. Não demorou para que começassem a namorar e logo decidissem morar juntos. Na época, meu pai, pedindo informações ao dono de uma banca de jornal sobre onde poderia comprar um ferro de passar roupa, descobriu que este tinha um quartinho para alugar em sua casa. Foi assim que, apenas seis dias depois de se conhecerem, meus pais se mudaram para a Vila Missionária, bairro da periferia da zona sul de São Paulo, próximo da represa Billings. Meus pais viveram de aluguel nesse quartinho até começarem a construir uma casa sobre um escadão público na mesma rua. Na época, a região estava passando por um grande processo de ocupação. Poucas ruas eram asfaltadas e muitas casas não tinham acesso a eletricidade, água ou saneamento.

Quando a minha mãe o conheceu, o meu pai já bebia muito, e a situação foi piorando com o tempo. Ainda pequena, eu usava calendários, daqueles que ganhávamos no mercado todo final de ano, para marcar com um X os dias em que meu pai ficava sóbrio. Naquela época, nós não sabíamos que a dependência química é uma doença complexa e não tem nada a ver com quão boa ou esforçada a pessoa é.

Sempre que as coisas apertavam, os primeiros a nos ajudar eram a tia Carmem e o tio Sebastião, nossos vizinhos que, apesar de não serem nossos parentes, eu sempre chamei de tios, assim como os amigos que minha mãe foi fazendo na igreja e na escolinha comunitária de freiras onde eu e meu irmão, que nasceu um ano e três meses depois de mim, estudávamos. Foi na paróquia São Francisco Xavier, fundada pelos missionários e missionárias italianos que inspiraram o nome do meu bairro, Vila Missionária, e na minha comunidade que eu tive as primeiras lições de solidariedade. Foi também nos grupos de jovens, no Treinamento de Liderança Cristã (TLC), como coroinhas e no coral das crianças da paróquia que eu e meu irmão, Allan, passamos boa parte do nosso tempo livre e fomos encontrando um caminho alternativo às drogas, ao crime e à violência que imperavam na região onde vivíamos. Assim, a gente ia escapando do único futuro que algumas pessoas

*image
not
available*

da OBMEP, em 2006, meu pai me levou até a porta da escola. Com o tempo, ele passou a me deixar na catraca do metrô Ana Rosa, depois na catraca do metrô Jabaquara e, por fim, só me levava até o ponto de ônibus perto da nossa casa e então ficava fazendo hora na rua para que a minha mãe não descobrisse. Nesses trajetos, a gente brincava que um dia eu estudaria em uma escola bonita e grande igual ao Etapa. Os dias do curso eram, de longe, os melhores dias do meu mês. No entanto, eu senti muito medo quando ligaram da escola me oferecendo uma bolsa de estudos integral. Eu achava que nunca me encaixaria em uma escola particular e disse aos meus pais que não sabia se queria ir. Meu pai foi quem mais me incentivou e, depois do feriado de Carnaval de 2007, eu comecei a sétima série no Etapa.

Eu não sabia disso na época, mas, quando o colégio decidiu que daria bolsas de estudos para alguns dos alunos que faziam o curso da OBMEP, eles tinham em mente apenas aqueles que haviam recebido medalha de ouro na primeira edição da olimpíada. Eu, como disse, tinha sido medalhista de prata. Ao saberem desse critério, a Marisilvia Longo, mais conhecida como Silvinha, e o Ricardo Mori, coordenadora e professor de matemática do projeto, foram falar com a direção da escola e pediram que considerassem dar uma bolsa para mim também. Essa foi a primeira de muitas vezes em que eu só recebi uma oportunidade porque alguém decidiu olhar para toda a minha trajetória e esforço, e não apenas para o meu resultado final. Também foi um dos muitos momentos em que um professor sonhou algo para mim antes mesmo que eu soubesse da possibilidade desse sonho.

Pouco tempo depois de ter começado a estudar no Etapa, descobri que tinha ganhado uma medalha de ouro na segunda edição da OBMEP. Para receber a premiação, viajei de avião pela primeira vez — até então, só tinha ido de ônibus para a Bahia com minha mãe e meu irmão. A cerimônia foi em Recife e, na ocasião, o então governador de Pernambuco, Eduardo Campos (1965-2014), falou sobre a criação da OBMEP, quando ele era ministro da Ciência e Tecnologia, e sobre a responsabilidade social que os medalhistas tinham. Eu tinha apenas

*image
not
available*

Colégio Etapa no município paulista de Santa Isabel, para que outros estudantes da cidade pudessem ter as mesmas oportunidades que eles estavam tendo através das olimpíadas. Fui convidada para dar uma aula de astronomia no projeto e, mesmo tendo a mesma idade que boa parte dos alunos, consegui superar a minha timidez e ensinar a eles algumas das coisas legais que eu estava tendo a oportunidade de aprender. Naquele dia, descobri algo que só quem já deu aula sabe: existem poucas experiências tão gratificantes quanto ver como o rosto das pessoas brilha quando elas aprendem algo novo. Saí de lá com a sensação de que havia encontrado uma solução para aquela angústia que eu carregava desde que tinham ligado para a minha casa me oferecendo a bolsa de estudos. Me incomodava muito saber que tantas pessoas, entre elas os meus colegas da escola estadual onde estudei, não estavam tendo as mesmas oportunidades que eu. Foi assim que, em 2009, ajudei a fundar o Projeto Vontade Olímpica de Aprender (VOA!), a fim de preparar alunos de escolas públicas de São Paulo para olimpíadas científicas. No início, achar escolas que nos permitissem divulgar o projeto e convidar os alunos para as aulas que aconteceriam todos os domingos de manhã, foi mais difícil do que achar um local onde pudéssemos realizar o curso. Aqui, a Soiane Vaz, mãe do Henrique, um grande amigo da escola e também um dos idealizadores do projeto, e o Emiliano Chagas, nosso professor de matemática no Etapa, foram fundamentais. Com a ajuda deles, duas escolas públicas toparam participar, e, em seu primeiro ano, o VOA! teve aproximadamente cem alunos.

As coisas caminharam bem até o final de 2009, quando meu pai me contou, no meu aniversário de dezesseis anos, que eu não era sua filha biológica. Sempre me achei muito parecida com ele, e demorei a entender o que ele estava falando. Uma parte de mim me dizia que tudo aquilo só poderia ser mentira, enquanto a outra me fazia questionar se eu deveria sentir raiva dos meus pais por terem escondido a verdade de mim por tanto tempo. No entanto, o meu choro naquele dia não foi de raiva, mas sim de muita tristeza. Uma das coisas que mais doeram foi

*image
not
available*

Eles entenderam que, no meu caso, eu precisaria de muito mais do que só uma bolsa de estudos para poder continuar na escola. A partir de então, o Etapa passou a se responsabilizar não apenas pela minha moradia, mas também pela minha alimentação e transporte. Meus professores foram além e compraram roupas e sapatos para que eu pudesse participar das premiações das olimpíadas. O professor Thiago Paulin, coordenador das olimpíadas de astronomia do Etapa, me deu o seu notebook antigo para que eu pudesse estudar. Ainda hoje sou muito grata por tudo o que eles fizeram por mim, mas, na época, eu sentia muita vergonha. E também me sentia culpada por não estar com a minha família todos os dias. Apesar disso, eu sabia que seria covarde da minha parte desistir de tudo e virar as costas para todas as oportunidades que estava tendo.

Os últimos anos do ensino médio foram extremamente difíceis e confusos. Eu estava bem alimentada e tinha tempo para estudar. No entanto, me sentia muito sozinha e incapaz diante da doença do meu pai. Como eu fazia quando era criança, fugi disso tudo me dedicando cada vez mais aos estudos. Entre 2010 e 2011, representei o Brasil e fui medalhista em três competições mundiais, uma competição ibero-americana e uma latino-americana. Mais uma vez, as olimpíadas estavam me ajudando a continuar e expandindo ainda mais o meu horizonte.

Eu participei de competições internacionais na China, na Turquia e na Polônia, e também em Minas Gerais e no Piauí, pois duas delas foram sediadas no Brasil. Minha primeira competição fora do país foi a Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica, que, em 2010, se realizou na China. Assim que fui selecionada para compor a equipe brasileira, um professor me levou de carro, acompanhada da minha mãe, para tirar o meu passaporte. Essa foi a primeira vez que viajei para fora do país, e eu estava tão animada que não preguei o olho em todo o percurso de ida. Eu me lembro até hoje do meu espanto quando me dei conta de que estávamos sobrevoando o oceano Atlântico. Do voo longo ao fuso horário diferente e às comidas locais, tudo era fascinante para

*image
not
available*

Harvard me ligou novamente para dizer que eu tinha sido aceita. Na hora, eu não consegui acreditar e tive a coragem de perguntar se aquela ligação não era trote. Não sei se ele entendeu o que eu tinha dito — na época, eu não sabia dizer trote em inglês —, mas fiquei horas e horas extremamente agitada, sem conseguir acreditar. As primeiras pessoas para quem eu liguei foram meus pais. Minha mãe também não estava acreditando que tinha dado certo e não parava de perguntar se eu tinha comido e se não ia passar mal com tamanha agitação. Meu pai respondeu que nós duas deveríamos lhe dar mais ouvidos, pois ele sempre soube que eu seria aceita. A reação deles retrata muito bem os meus pais. A minha mãe sempre fez de tudo para proteger a mim e ao meu irmão de todo e qualquer perigo, enquanto o meu pai nos ensinou a sonhar realidades completamente diferentes da nossa. Era a eles, principalmente, que eu devia aquela conquista.

Perdi meu pai quatro dias depois de ser aceita em Harvard, e a dor fez com que eu apagasse da minha memória boa parte do que aconteceu nesse período. Foi a minha mãe quem, enquanto eu escrevia este livro, me ajudou a relembrar os acontecimentos que antecederam a morte do meu pai. Até então, eu só tinha lembranças esparsas, como ajustar um vestido que havia ganhado da mãe de um amigo para poder ir à nossa formatura de ensino médio; falar com o meu pai ao telefone, ainda brava porque ele havia quebrado a sua promessa e bebido; e andar desnorteada pela USP até que meu primo Josué, recém-chegado da Bahia para fazer a sua pós-graduação, me encontrou.

Duas semanas antes, nós havíamos ido visitar o meu pai em uma comunidade terapêutica na qual ele estava internado. Chegando lá, vimos uma briga que me assustou muito e eu, com medo de que alguma coisa acontecesse com ele, pedi que voltasse com a gente para casa. Naquele dia, ele nos prometeu que nunca mais beberia. Mas, no segundo sábado depois do seu retorno — dia em que havíamos combinado de celebrar o aniversário do meu irmão —, ele bebeu muito enquanto batia a laje de uma casa, e, quando minha mãe chegou do trabalho, viu que ele estava machucado e que havia quebrado algumas